

## O Tópico-sujeito existencial: sobre as consequências da mudança da ordem do sujeito no Português Brasileiro

The existential subject topic: on the consequences of the change  
in the subject's order in Brazilian Portuguese

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.44647>

*Elaine Alves Santos Melo*

Mestre (2012) e Doutora (2015) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense, vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, setor de Língua Portuguesa.

E-mail: [easmelo@id.uff.br](mailto:easmelo@id.uff.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4495-3359>

*Giovana Pereira Abranches*

Graduanda no curso de Letras: Português – Inglês (Licenciatura) na Universidade Federal Fluminense, onde desenvolve pesquisa de Iniciação Científica sobre a Sintaxe do Português.

E-mail: [giovanaabbranches@id.uff.br](mailto:giovanaabbranches@id.uff.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9040-6183>

## RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma análise das construções de tópico sujeito existencial, ou seja, aquelas que envolvem o alçamento de um DP [+locativo] para a posição de sujeito, [SPEC-TP], do verbo *ter* que expressa existência. Essas construções, prototípicas da gramática do Português Brasileiro, têm sido descritas como mais uma evidência para a mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo pela qual passa o PB: tendência ao preenchimento de [Spec-TP]. Os resultados deste trabalho evidenciam que a implementação do tópico sujeito existencial é paulatina ao aumento da frequência de uso do *ter* existencial e que sua emergência é atrelada a uma leitura ambígua entre posse e existência. (ROBERTS; ROSSOU, 2003). A fim de desenvolver esta pesquisa, foram levantados dados de anúncios, cartas de leitores e cartas de redatores, publicados em jornais cariocas e baianos, nos séculos XIX e XX. Toda a amostra compõe os *corpora* do PHPB, que está disponível online. Para a análise diacrônica quantitativa utilizamos o Programa Goldvarb-X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2001) e os pressupostos da Teoria de Competição de Gramática (KROCH, 1989, 2001) e da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 2000, 2001).

**Palavra-chave:** Tópico-sujeito. Verbos existenciais. Português Brasileiro. Diacronia. Sintaxe Gerativa.

## ABSTRACT

This paper presents an analysis of existential constructions containing the verb *ter* and a raised locative subject (subject topic); that is, those constructions involve moving a DP [+locative] to the subject position, [SPEC-TP] with the verb *ter* expressing existence. These constructions, prototypical of Brazilian Portuguese grammar, have been described as further evidence for the change in the Null Subject Parameter in BP: a tendency to fill in [Spec-TP]. The results of this work show that the implementation of this construction occurs gradually with the increase in the frequency of use of existential *ter* and that its emergence is linked to an ambiguous reading between possession and existence (ROBERTS; ROSSOU, 2003). To develop this research, we collected data from advertisements, letters from readers, and letters from editors, published in Rio de Janeiro and Bahia newspapers in the 19th and 20th centuries. The entire sample makes up PHPB's *corpora*, which is available online. For the quantitative diachronic analysis, we used the Goldvarb-X Program

(SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2001) and the premises of the Competition Theory of Grammar (KROCH, 1989, 2001) and the Generative Theory (CHOMSKY, 2000, 2001).

**Keywords:** Subject Topic. Existential verbs. Brazilian Portuguese. Diachrony. Generative syntax.

## Introdução

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o tópico-sujeito existencial, investigando sua emergência em construções com o verbo *ter* no Português Brasileiro (doravante PB). Essa estrutura, como pode ser observado em (1), envolve alçamento de um DP, que nasce em posição de adjunto, para posição de sujeito (PONTES, 1987; GALVES, 1998; MELO, 2015; MELO; CAVALCANTE, 2020). Com objetivo de averiguar a emergência dessas construções no PB, foram analisadas sentenças com *ter* e *haver* existencial retiradas de jornais do século XIX e XX do Rio de Janeiro e da Bahia presentes no *corpora* PHPB<sup>1</sup>, especificamente trabalhamos com três gêneros textuais: anúncios, cartas de leitores e cartas de redatores.

- (1) O edifício **tem** restaurante e garagem.

(*Anúncios em Jornais Cariocas: 1ª metade do século XX, 1910, século XX, p. 6, PHPB*)

A hipótese que norteia este trabalho é a de que a emergência do tópico-sujeito existencial está atrelada à mudança por que passa a expressão da existência no PB. Diversos trabalhos (CALLOU e AVELAR, 2000; AVELAR, 2006; DUARTE, 2003) têm mostrado que, no século XIX, *haver* era a forma verbal prototípica nesses casos, como pode ser observado no exemplo em (2). Entretanto, a partir da segunda metade desse século, começam a ser verificadas em textos escritos construções com *ter* existencial, como pode ser visto em (3).

- (2) Não **ha** necessidade de dispôr de conhecimentos technicos especiaes.

(*Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX – Carta 388, 1884, século XIX, p. 16, PHPB*)

- (3) Qual não foi o meu espanto quando vejo o meu empregado voltar de novo com o dinheiro e trazendo-me o recado do senhor Pedreira, de que não <<deitava estampilha que não queria, pois no livro já **tinha** recibos de quantias maiores e que não **tinham** estampilha, por isso não deitava que não queria.

(*Carta de Leitores - Rio de Janeiro, 1896, século XIX, p. 28, PHPB*)

---

<sup>1</sup> Os dados foram coletados a partir dos *corpora* do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), organizado pelo Prof. Dr. Afranio Gonçalves Barbosa (UFRJ), que está disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>. Agradecemos ao professor Afrânio por, gentilmente, nos ter disponibilizado a amostra.

Em contextos morfossemânticos como os expressos em (2-3), é possível dizer que *haver e ter* estão em competição, pois qualquer uma das duas formas pode ocupar a posição de predicador, sem alterar o significado da sentença. Ocorre, entretanto, que atualmente essas três estruturas sintáticas – o ter existencial, haver existencial e o tópico-sujeito existencial – não estão em variação estrita (AVELAR, 2006). No caso de *ter e haver* existencial, podemos dizer que se trata de construções de existência da gramática nuclear e periférica respectivamente, além de que *haver* se aproxima de verbos existenciais substantivos (existir, ocorrer, acontecer), enquanto *ter* é um verbo funcional<sup>2</sup>. Especialmente no caso das construções de tópico-sujeito em relação às construções expressas em (2-3), podemos afirmar que as condições estruturais e semânticas são ainda mais distintas. Ao observar os exemplos em (4-5), percebe-se as diferenças nas leituras.

Em (4), a única interpretação possível para as duas sentenças é a existencial: existe uma quantidade *x* de alunos na sala, conforme (4a'-b'). Em construções como (4), a posição de sujeito está vazia e o adjunto adverbial ocupa uma posição pós-verbal, em uma estrutura VOX<sup>3</sup> (tal que X é o adjunto adverbial).

- (4) Há três alunos na sala.  
 a'. Existem três alunos na sala.  
 b. Tem três alunos na sala.  
 b'. Existem três alunos na sala.

Em (5), estão expressas sentenças cujo adjunto adverbial está projetado em uma posição anteposta aos verbos *ter e haver*, sendo mantida a leitura existencial. Veja que nestas orações o adjunto é um PP, assim como em (4). A operação de movimento do PP cumpre funções discursivas: indicar o tópico discursivo, em uma estrutura XVO (tal que X é o adjunto).

- (5) a. Na sala, há alunos.  
 a'. Na sala, existem alunos.

<sup>2</sup> As matrizes fonológicas de verbos substantivos são inseridas na estrutura no início da derivação, enquanto os itens funcionais, que codificam informações gramaticais, recebem a sua matriz fonológica após spell-out. Assim, não estaria ocorrendo uma competição entre *ter e haver*, uma vez que *ter* é verbo funcional, o verbo existencial canônico do PB e *haver* não mais estaria atuando como um existencial prototípico.

<sup>3</sup> Conforme salientado pelos pareceristas, ainda que seja baixa a frequência de VS no PB, não é possível dizer que todo elemento posposto ao verbo nesta gramática cumpra a função de complemento do verbo. Assim, em (4a), por exemplo, em uma sentença com verbo *existir* o sujeito está em uma posição pós-verbal, sendo este um dos contextos de resistência a SV que têm sido observados no PB (cf. MACHADO, 2020)

- b. Na sala, tem alunos.
- b'. Na sala, existem alunos.

Entretanto, em (6), se percebe que somente nas construções que envolvem o verbo *Ter* o item com a semântica de locativo pode ser movido para uma posição anteposta ao predicador, sendo um DP. Assim, enquanto (6b) é gramatical, (6a) é agramatical. Isso implica dizer que o tópico-sujeito existencial, (6b), não está em variação com as demais construções analisadas neste trabalho, pois não é possível que a posição de sujeito do verbo *haver* seja preenchida por um DP.

- (6) a. \*A sala há alunos.
- b. A sala tem alunos.

Dessa maneira, sabendo que nem todas as formas em análise estão em competição, nosso objetivo ao controlá-las é observar como e se a entrada do tópico-sujeito existencial no português brasileiro é uma das consequências de (i) a mudança na expressão da existência; e (ii) a mudança no parâmetro do sujeito nulo.

Este trabalho, então, se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos o que é uma construção de tópico-sujeito e as especificidades das construções que observamos; na seção 3, apresentamos os resultados obtidos e a análise feita desses dados com base na Teoria Gerativa e na Teoria de Competição de Gramáticas; na seção 4, fazemos as considerações finais a respeito dos levantamentos feitos ao longo do trabalho.

## 1. Tópico-sujeito

Faz-se necessário, primeiramente, definir o que é uma construção de tópico-sujeito, para então restringirmos o que tem sido chamado na literatura de tópico-sujeito existencial. Desde Pontes (1987) e Galves (1998), sentenças como as expressas em (7b-9b) têm sido tratadas como genuínas do Português Brasileiro. Elas somente ocorrem quando o predicador é um verbo inacusativo, que permite o alçamento de um DP para a posição de sujeito, [Spec-TP]. Prototipicamente, o DP alçado tem o papel temático de [+possuidor/todo/continente] e sintaticamente está em posição descontínua daquele que expressa [+possuído/parte/conteúdo], conforme pode ser visto em (7b), (8b) e (9b). Além disso, nota-se que em relação às sentenças expressas em (7a), (8a) e (9a), no tópico-sujeito, o sintagma

alçado não é um PP, portanto, os itens selecionados da numeração são distintos quando comparados os exemplos de (7a-9a) aos de (7b-9b).

- (7) a. Quebrou o braço[possuído] do João[possuidor].  
 b. O João[possuidor] quebrou o braço[possuído].
- (8) a. Já carregou a bateria[parte] do celular[todo].  
 b. O celular [+possuidor/continente] já carregou a bateria [+possuído/continente], já pode tirar do carregador. (Fala espontânea).
- (9) a. Cabe muita gente[conteúdo] na Belina[continente].  
 b. A Belina [continente] cabe muita gente [conteúdo].

Outra característica do tópico-sujeito pode ser observada nas construções em (10): o elemento em concordância com o verbo não corresponde a um sujeito semântico<sup>4</sup>, mas é o sujeito gramatical da sentença. Avelar e Callou (2011) apontam para o fato de que constituintes que não pertencem à grade temática do verbo, como é o caso em (9), são largamente licenciados como sujeitos gramaticais no PB e não na gramática do PE.

- (10) a. As árvores apodreceram a raiz (PB/ \*PE).  
 b. Os carros furaram os pneus (PB/ \*PE).  
 c. Essas casas batem muito sol. (PB/ \*PE).

(AVELAR; CALLOU, 2011, p. 254)

Ser o sujeito gramatical da sentença no PB implica que o DP na posição de sujeito checa os traços de EPP, o que levanta questionamentos sobre a razão pela qual o movimento/alçamento desse

---

<sup>4</sup> Segundo Avelar e Callou (2011), “sujeito semântico é o constituinte que recebe papel temático como argumento externo do verbo (em termos minimalistas, na posição de Spec-v); sujeito gramatical é o constituinte que concorda com o verbo, podendo ou não coincidir com o sujeito semântico da oração (em termos minimalistas, Spec-T/Infl é a posição naturalmente destinada ao sujeito gramatical em línguas como o português).”

DP ocorre. Em síntese, se ele é decorrente de motivações sintáticas – puramente a checagem de EPP – ou por razões discursivas – checagem de traços discursivos.

A discussão sobre as razões para o movimento dos DPs [+possuidor/todo/continente] para a posição de sujeito, entretanto, não é o mote principal deste trabalho<sup>5</sup>. Nosso objetivo, como dito anteriormente, é discutir a implementação dessa construção na gramática do PB. Para tanto, é imprescindível percebermos mais um ponto simétrico entre os três “tipos” de tópico-sujeito descritos até aqui. A saber, o que envolve relação de possuidor-possuído, o que envolve relação de parte-todo, e o que envolve relação de continente-conteúdo: em todos há uma relação de posse inalienável.

Melo (2015) afirma que as construções de tópico-sujeito são em si restritas à expressão de informações sobre a parte e o todo. Nesse sentido, a autora evidencia que há sempre uma relação inalienável entre os DPs que ocupam a posição de sujeito e a de complemento do verbo. O conceito de inalienabilidade é definido por Heine (2009) como a relação semântica permanente entre o possuidor e o possuído. Isto significa que há uma relação inerente aos dois objetos relacionados.

Ao mesmo tempo, a autora argumenta que construções em que há relações meronímicas, ou seja, aquelas cujos itens não têm traços [+animados] ou [+humanos] capazes de detonar uma relação de posse prototípica podem também gerar estruturas de tópico-sujeito. Isto porque, para que ele ocorra, em princípio, basta haver uma relação de parte-todo, conforme pode ser visto em (10a-b). Em (10c), não parece, inicialmente, haver uma relação de parte-todo, já que há a expressão de uma relação de continência-conteúdo. Todavia, consoante a Avelar e Callou (2011, p. 255), pode-se dizer que existe “uma relação possessiva do tipo continente-conteúdo”. Assim, em (10), há três sentenças com relações semânticas aparentemente diversas, mas que congregam em si a expressão da noção de parte-todo, sendo, por conseguinte, estruturas de posse inalienável.

Essa relação semântica, como podemos observar em (7b-9b)<sup>6</sup>, configura uma posse sem a marcação por preposição e sem que os DPs estejam contíguos linearmente nas sentenças, tratando-se, portanto, de um caso de posse externa (PAYNE; BARSHI, 1999). Nas construções em que há posse externa, segundo Payne e Barshi (1999), a relação semântica é expressa a partir da codificação do DP [+possuidor/todo/continente] como um argumento do verbo e em um constituinte descontínuo daquele que contém o DP [+possuído/parte/conteúdo]. Assim, os três tipos de construção de tópico-sujeito descritos aqui apresentam: (i) movimento de um adjunto para a posição de sujeito; e (ii) uma relação de posse externa expressa pela noção de parte-todo.

---

<sup>5</sup> O leitor pode procurar o trabalho de Melo e Cavalcante (2020), que aborda com maior detalhamento a questão do movimento do DP para a posição de sujeito, em construções de tópico-sujeito.

<sup>6</sup> Em (7a-9a), sentenças em que não há tópico-sujeito, mas ocorre a realização de uma preposição locativa ou genitiva. Nestes casos, podemos dizer que há posse interna, isto é, o DP[+possuidor/todo/continente] está sintaticamente e semanticamente ligado ao DP [+possuído/parte/conteúdo] por meio de uma preposição.

Na próxima seção, discutiremos com maior detalhamento as propriedades do tópico-sujeito existencial, objeto de estudo deste trabalho.

## 1.1 Tópico-sujeito em construções com *ter* existencial

Em PB, desde o século XIX, tem-se registrado a gradual substituição de *haver* por *ter* em sentenças existenciais. Em Avelar e Cyrino (2008), especula-se que o verbo possessivo *ter* começou a ser usado em construções existenciais a partir do momento em que passou a licenciar o locativo preposicionado em posição de sujeito no PB, mas não em PE, onde seria interpretado como adjunto. Assim, vemos que há uma tendência do PB a preencher a posição de sujeito com termos que não são argumentais. Com o *ter* licenciado em construções existenciais, não haveria necessidade do preenchimento da posição de sujeito, uma vez que essa construção não requer argumento externo. Apesar dessa possibilidade, parece haver uma preferência por construções com *ter* com sujeito preenchido.

É interessante notar que, com isso, o verbo *ter* pode ganhar uma dupla interpretação em algumas sentenças, expressando posse e/ou existência. Avelar e Callou (2011) já apontavam para essa ambiguidade, afirmando que o valor existencial em sentenças com o verbo *ter* não é bem delimitado, uma vez que não são apenas as construções impessoais que permitem a interpretação de existência. Segundo Avelar e Cyrino (2008) e Avelar (2009), a possibilidade de haver uma projeção da posição de sujeito em sentenças existenciais com *ter* resulta das construções possessivas desse verbo (SVO), o que não é possível com o verbo *haver*. O fato de que essa possibilidade está sendo aproveitada, afinal, as construções que mais ocorrem com o verbo *ter* são construções com sujeito, parece revelar um aspecto fundamental do PB em relação ao preenchimento do sujeito. A diminuição do *haver* pode, inclusive, estar relacionada a incapacidade desse verbo de projetar uma posição para realização do sujeito fonético, diferentemente do verbo *ter*, como hipotetizou Callou e Avelar (2000).

Assim, uma sentença como (11a), pode ser realizada também como uma construção sem sujeito gramatical como em (11b). Avelar e Callou (2011) apontam que esse tipo de diferenciação é primordialmente sintática, uma vez que o sintagma preposicionado da primeira aparece como um sintagma nominal na segunda. Semanticamente, tanto em (a) e (b) entende-se que existem muitos peixes na lagoa, mas apenas em (b) há uma relação possessiva do tipo continente-conteúdo entre “lagoa” e “muitos peixes”.

(11) a. Há / Tem muitos peixes naquela lagoa.

b. Aquela lagoa tem muitos peixes.

(AVELAR; CALLOU, 2011, p. 255)

Em todos os casos, nota-se a importância do traço [+locativo] do sujeito e da relação de continente/conteúdo para que se recupere a noção de existência da construção impessoal. Em alguns casos, vê-se uma inversão do locativo, com PP indo para à esquerda do predicador, ficando assim similar a uma construção de existência, como em (12). Segundo Avelar e Cyrino (2008) a emergência do *ter* existencial no PB está justamente ligada ao fato de que a estrutura das sentenças possessivas admite um PP com traço [+locativo] em [Spec,TP/IP]. Em outros casos, temos o sujeito posposto em construções de posse, ou seja, uma construção, não típica no PB e que se assemelha a construção de posse como vemos em (13).

(12) Qual não foi o meu espanto quando vejo o meu empregado voltar de novo com o dinheiro e trazendo me o recado do senhor Pedreira, de que não <<deitava estampilha que não queria, pois **no livro já tinha recibos de quantias maiores** e que não tinham estampilha, por isso não deitava que não queria.

(*Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX* - Carta, século XIX, 1896, p. 28, PHPB)

(13) Uma vez mais a nossa classe politica, ao leitor as esperanças de milhões de brasileiros mostra que são ilimitadas a sua ganância e o seu cinismo e que, para ela, **não tem o menor valor tudo o que depositamos nas urnas.**

(*O Jornal do Brasil*, 1 de maio de 1992, Carta de Leitor, PHPB)

Segundo Avelar e Callou (2011), no PB e diferentemente do PE, os falantes tendem cada vez mais a evitar a ocorrência do verbo em primeira posição, recorrendo a inserir em posição pré-verbal tanto constituintes argumentais (como complementos e sujeitos) como não argumentais (adjuntos). Com isso, poderíamos nos perguntar o porquê de acharmos formulações de posse, tipicamente SVDP, com verbo na primeira posição. Isso poderia ser justificado justamente pela proximidade dessa construção com a construção de existência. Percebe-se assim que, como já indicavam os autores, a definição de existência, no que diz respeito às propriedades léxico-gramaticais, é bem difusa.

### 1.1.1 A expressão de posse e existência na diacronia do PB

Ao observar o português na diacronia, é possível verificar as alternâncias na expressão de posse e existência. Mattos e Silva (2002) aponta diferentes mudanças sintático-semânticas que ocorreram com os verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* e que são importantes para considerar a transição entre o português arcaico e moderno. Para a autora, o surgimento de *ter* existencial, somado a outros fenômenos linguísticos, podem ser indícios de uma nova fase do português.

Para entender como o PB chegou até a emergência do verbo *ter* existencial, temos que entender como a expressão de posse e existência foi se alterando. Até o século XII, era o verbo *haver* que expressava posse, enquanto *ser* era a forma predominante para a expressão de existência. Depois, do século XIII ao XVI, *haver* passou a expressar, além de posse, existência, competindo com *ser* existencial. A posse era expressa por *haver/ter* até o século XVI. Enfim, no século XVI, *haver* passa a expressar apenas existência, como ainda o é no PE, e *ter* suplanta *haver* em todos os contextos de posse. Desse modo, enquanto *haver* se especializou na expressão de existência e perdeu a possibilidade de exprimir posse no PB, *ter* passa a expressar posse e existência. A manutenção da estrutura superficial do *ter* possessivo somada a sua construção existencial impessoal pode ter tornado a leitura existencial com o sujeito preenchido possível.

Avelar e Callou (2007, p. 9) mostram como o PB tomou um caminho diferente do PE, “uma vez que *ter*, mesmo após entrar em contextos existenciais, permaneceu como o item que integra as construções possessivas, a matriz fonológica do verbo existencial passou a ser a mesma que a do verbo possessivo”. Essa evolução da expressão de existência e posse pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 1 – Verbos utilizados para expressão de existência, estado transitório, estado permanente e posse.

	Existencial	Transitório	Permanente	Possessivo
... - séc. XIII	seer	seer	seer	aver
séc. XIII - XVI	seer / aver	seer / estar	seer	aver / teer
PE séc. XVI - XX	haver	estar	ser	ter
PB séc. XIX - XX	haver / ter	estar	ser	ter
PB séc. XX	ter	estar	ser	ter

Fonte: Avelar e Callou (2007, p. 9).

Considerando a expressão de existência, estado transitório, estado permanente e posse, Avelar e Callou (2007b) compõem uma análise desses verbos considerando quatro possibilidades: (1) o verbo de estado transitório pode apresentar a mesma matriz fonológica que a do existencial, (2) o verbo de estado permanente pode apresentar a mesma matriz fonológica que a do existencial, (3) o verbo de posse pode apresentar a mesma matriz fonológica que a do existencial, (4) o verbo de estado transitório pode apresentar a mesma matriz fonológica que a de estado permanente. Atribuindo 1 para SIM e 0 para NÃO a cada possibilidade, temos o seguinte quadro de evolução do português:

Quadro 2 – Codificação binária da possibilidade de um verbo expressar dois valores distintos.

	<b>Transitório</b> = <b>Existencial</b>	<b>Permanente</b> = <b>Existencial</b>	<b>Possessivo</b> = <b>Existencial</b>	<b>Permanente</b> = <b>Transitório</b>
<b>...- séc. XIII</b>	1	1	0	1
<b>PE séc. XVI-XXI</b>	0	0	0	0
<b>PB séc. XVI-XIX</b>	0	0	0	0
<b>PB séc. XX-XXI</b>	0	0	1	0

Fonte: Avelar e Callou (2007, p. 9).

A possibilidade de *ter* começar a ser interpretado como um verbo existencial no século XIX pode ter surgido justamente da alteração do Parâmetro do Sujeito Nulo, fazendo com que sentenças com *ter* em que o sujeito não é preenchido fossem interpretadas como existência, uma vez que não se recupera um possuidor claro para a sentença. Para que esta mudança aconteça outros condicionamentos precisam ser observados: a necessidade da existência de uma relação de parte-todo. O que vemos no caso do tópico-sujeito existencial é que, nas frases em que o sujeito tem valor locativo e há uma relação de continente/conteúdo entre este e o complemento, é possível recuperar a noção de existência dessa construção prototipicamente de posse.

## 2. Os resultados

Os *corpora* usados neste trabalho são compostos por cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios publicados em jornais cariocas e baianos. Seus autores nasceram entre o final do século XVIII e o final do século XX. Embora ressaltemos as datas de nascimento dos autores, pois na perspectiva

gerativa é na aquisição da linguagem que ocorre a emergência de uma nova gramática, não foi possível nesta amostra periodizar os dados com esta metodologia, haja vista que os autores dos textos são diversos e suas datas de nascimento não são conhecidas. Por conseguinte, os periodizamos a partir da data de suas publicações. Desta amostra, coletamos os dados contendo *ter* e *haver* em contexto existencial. Quando havia sentenças ambíguas, elas foram codificadas e analisadas separadamente, a partir da observação qualitativa. Após a codificação dos fatores morfossintáticos, fizemos o tratamento estatístico dos dados pelo programa Goldvarb-X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2001) e a seguir as descrições e análises qualitativas.

Antes de apresentarmos os dados, é importante fazermos algumas considerações acerca da amostra. Quando tratamos da língua em diacronia, em muitos casos não se tem acesso a um *corpora* extenso, como é o caso deste trabalho, sendo assim, é necessário levar em conta o baixo número de dados ao interpretar os resultados. Além disso, e talvez este seja o ponto mais crucial a ser apontado, é a impossibilidade de investigarmos os falantes de uma determinada gramática do passado, restando-nos recorrer aos dados a partir de textos escritos. Há de se considerar, portanto, que muitas das mudanças ocorrendo na oralidade são integradas na escrita após certa consolidação da mesma pelos falantes. Isso é confirmado pelos dados de Avelar (2006), que compara o uso de *ter/haver* na língua escrita e na falada. Com essa análise, chega-se ao resultado de que, enquanto na língua falada, *ter* é realizado em 87% das construções existenciais levantadas, na escrita, esta construção ocorre em 14% dos dados. Nesta pesquisa, levamos em consideração esses problemas levantados.

## 2.1 Análise dos dados

Nesta seção serão apresentados os resultados da análise quantitativa dos dados. Foram analisadas 231 sentenças em que há a expressão da existência, sendo 116 da amostra do Rio de Janeiro e 115 da amostra de textos publicados na Bahia. Os resultados gerais mostram que, em toda a amostra, as construções com *haver* expressando existência são predominantes, 85%, em detrimento das construções com *ter* existencial, 15%, conforme pode ser visto na tabela abaixo.

Tabela 1 – Haver existencial x Ter existencial.

	Avelar (2006)		Melo e Abranches (2021)	
	N	%	N	%
<b>Haver existencial</b>	-	86%	197	85%
<b>Ter existencial</b>	-	14%	34	15%
<b>Total</b>	-	100%	231	100%

Fonte: Elaboração própria.

Este resultado geral é praticamente idêntico ao encontrado por Avelar (2006) em que as frequências de uso de *ter* foram de 14%, e *haver*, 86% em textos escritos. A expressão da existência no PB é um fenômeno linguístico em que há uma discrepância relevante entre os resultados das amostras de fala e aqueles observados em pesquisas realizadas com amostras de textos escritos. Embora esse quadro não seja singular a este fenômeno, haja vista que análises sobre a concordância verbal (VIEIRA, 2016a), ou a colocação pronominal (VIEIRA, 2016b) evidenciam comportamentos semelhantes, é preciso questionar o modo como tais resultados desvelam ou não a gramática nuclear do PB. Em outras palavras, que gramática é essa que a escrita histórica revela de forma menos robusta, mas que já apresenta alta frequência na fala?

É inerente aos resultados das pesquisas linguísticas a premissa de que as mudanças têm seus pontos iniciais na oralidade e isto porque a escrita, em si, é uma convenção social, aprendida nos bancos escolares. Como tal, ela – a escrita – apresenta recursos sintáticos, semânticos próprios. Durante muito tempo, foi considerado o registro da formalidade, em detrimento da oralidade vista como um texto não formal. É claro que hoje essa concepção já é considerada ultrapassada, pois os estudos da Linguística Textual já revelaram a importância do contínuo oralidade–escrita, dos gêneros textuais e seus prototípicos interlocutores que verdadeiramente determinam o grau de formalidade (MARCUSCHI, 1999, 2001, 2007).

Conquanto consideremos as propostas sobre as diferenças entre a oralidade e a escrita, é inegável que ao trabalharmos com textos diacrônicos a questão da formalidade se torna ainda mais pulsante nos textos escritos. Ora, no século XIX, período aqui estudado, pouquíssimos brasileiros dominavam a arte da escrita e por isso a produção de textos neste tipo de registro era sinal de status social elevado.

Ademais, conforme salientam Faraco e Zilles (2017)<sup>7</sup> e Amorim e Di Santi (2019), no Brasil do século XIX, a codificação da norma padrão visou “suprimir as variedades do português popular, começando pelas rurais, depois as urbanas, e, mais tarde, a própria norma culta. (AMORIM; DI SANTI, 2019, p. 114)”. Neste sentido, a norma padrão foi classificada como um modelo ideal que, imposto no sistema escrito de um Brasil analfabeto, fez muitas vezes reverberar um modelo de uso da linguagem, nunca atingido, mas cuja maior proximidade era alcançada por quem detinha alto poder aquisitivo e por consequência maior grau de escolarização<sup>8</sup>.

No português europeu, a expressão da existência só pode ocorrer por meio do verbo *haver*, conforme nos mostram Callou e Avelar (2012). Ao verbo *ter*, cabe a função de expressar posse. No PB, a ele, como já mencionado, podem ser atribuídas as leituras de posse e existência. Entretanto, há resistência em sua utilização nos textos escritos. Muito provavelmente resultante de um modelo de sociedade que ainda não se desprende do seu longo período de colônia.

- (14) a. Tem várias calças dentro do armário.  
 PE: ‘Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário’ (Posse / \*Existência).  
 PB: ‘Há várias calças dentro do armário’.
- b. Tinha um documento na carteira.  
 PE: ‘Ele/Ela tem um documento dentro na carteira’ (Posse / \*Existência).  
 PB: ‘Há um documento dentro da carteira’.
- c. Tem dois computadores no escritório.  
 PE: ‘Ele/Ela tem dois computadores no escritório’ (Posse / \*Existência).  
 PB: ‘Há dois computadores no escritório’.
- (CALLOU; AVELAR, 2012, p. 225-226)

Em relação aos dados de fala, sabemos, por outro lado, que a gramática nuclear (a Língua I) é adquirida a partir de *inputs* oriundos destes registros. Assim, a discrepância outrora mencionada entre os resultados de textos escritos e orais revela uma diferença entre uma gramática que é aprendida e outra que é adquirida. Estamos, portanto, nos referindo aos conceitos de gramática internalizada e

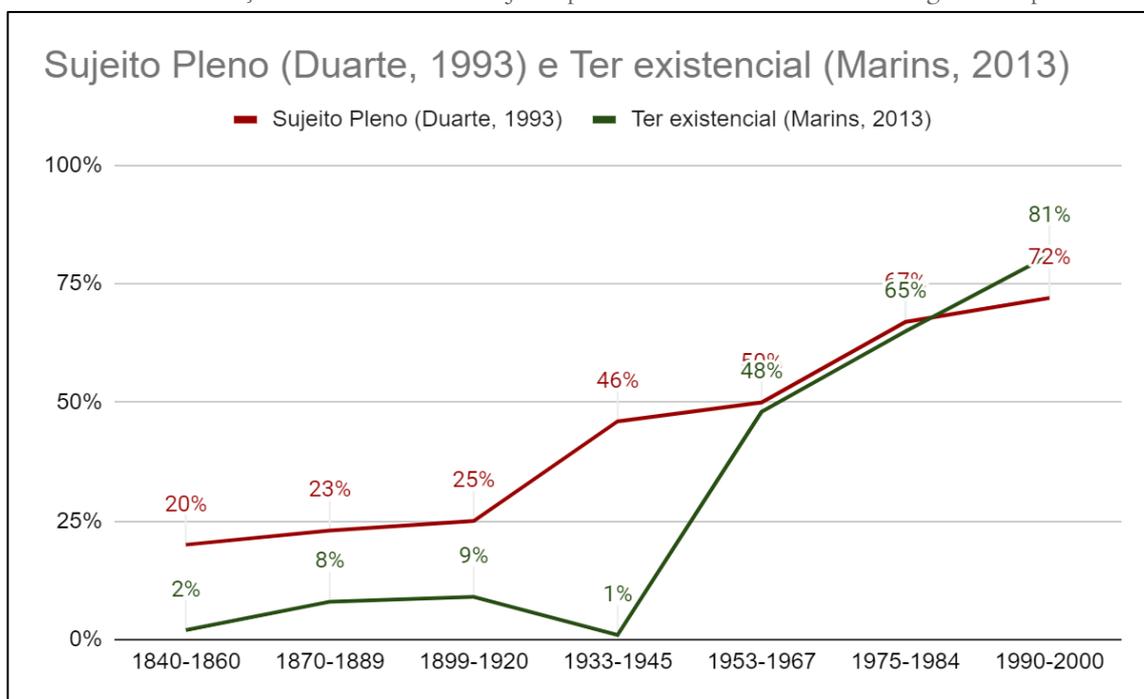
<sup>7</sup> Agradecemos a indicação dos pareceristas do texto de Faraco e Zilles (2017) para discussão sobre a codificação da norma padrão no Brasil colonial e pós-colonial. Qualquer interpretação equivocada é claramente responsabilidade nossa.

<sup>8</sup> Segundo Ferreira e Carvalho (2014), em 1872, aproximadamente, 82% da população era analfabeta. Esse índice sofre uma ligeira queda e, em 1920, 71% dos nascidos no Brasil não sabem ler ou escrever. Somemos ao quadro de amplo analfabetismo no Brasil a questão de que historicamente este é um país que valoriza os modelos impostos pela metrópole. Este cenário é, sem dúvidas, importante para entendermos como um fenômeno linguístico pode ser mais ou menos frequente em textos escritos. O modelo português não pode ser desassociado da escrita dos brasileiros do século XIX e início do século XX.

gramática periférica (CHOMSKY, 1981; KATO, 2005). Mas, então, como encontrar a gramática nuclear do Português Brasileiro com a amostra deste trabalho?

Acerca do Português Brasileiro, há diversas pesquisas que já demonstraram mudanças profundas no sistema pronominal, que resultaram em uma reorganização da flexão verbal que por conseguinte provocou o maior preenchimento da posição do sujeito e a fixação da ordem SV. Tarallo (1993) e Duarte (1995) estabelecem uma linha direta entre a emergência do uso do *ter* existencial e a diminuição da frequência de uso do sujeito nulo nesta língua que é observada a partir da virada do século XIX para o XX (DUARTE, 1995, 2003), conforme pode ser visto no gráfico abaixo, retirado de Marins (2013).

Gráfico 1 – Distribuição dos usos de *ter* e de sujeitos plenos de referência definida ao longo do tempo em PB.



Fonte: Adaptado de Marins (2013, p. 62).

O gráfico 1 comprova o postulado por Tarallo (1993) e Duarte (1995). Então, ele nos permite levantar uma nova questão: se há no PB a tendência a preencher a posição do sujeito, seriam as construções de tópico-sujeito existencial produtos dessa mudança que visualizamos de forma nítida no gráfico 1? Se a resposta a esta pergunta for positiva, estará nela a gramática nuclear do português brasileiro.

Em concordância com Tarallo (1993) e Duarte (1995), Avelar e Callou (2007), levantamos a possibilidade de que o enfraquecimento da concordância e consequentemente a tendência ao preenchimento da posição do sujeito tenha levado ao *ter* possessivo com sujeito nulo passar a ser interpretado como existência, a partir de uma leitura impessoal. Esta nova interpretação se daria pelo

desaparecimento do *pro*-referencial, fazendo com que os falantes do PB façam uma leitura impessoal do verbo *ter* quando este não apresenta sujeito pleno. Essa diferença da leitura possessiva e existencial entre um falante de PE e PB respectivamente pode ser observada em (14).

(15) a. Tem várias calças dentro do armário.

PE: *pro* Tem em diversas calças dentro do armário (Posse / \*Existência).

PB: Tem várias calças dentro do armário (Posse\*/Existência).

b. Tinha um documento na carteira.

PE: *pro* Tem em um documento dentro na carteira (Posse / \*Existência).

PB: Tem um documento dentro da carteira (Posse\*/Existência).

c. Tem dois computadores no escritório.

PE: *pro* Tem em dois computadores no escritório' (Posse / \*Existência).

PB: Tem dois computadores no escritório (Posse\*/Existência).

(Adaptado de CALLOU; AVELAR, 2012, p. 225-226)

Tendo estas questões em mente, vejamos, então, como se comportam ao longo do tempo as construções com *ter* e *haver* existencial em relação ao preenchimento da posição do sujeito, na amostra deste trabalho.

Na tabela 3, as 231 sentenças existenciais selecionadas dos *corpora* foram categorizadas de acordo com a construção verbal e o período de sua ocorrência. Assim, é possível observarmos as construções que expressam existência com *ter*, *haver* e tópico-sujeito na diacronia do PB.

Os resultados encontrados indicam que, a partir da segunda metade do século XIX, esses três tipos de estruturas - *ter*, *haver* e tópico-sujeito - são possíveis na expressão de existência no PB. Outro resultado que se pode perceber por essa tabela é a prevalência de *haver* em toda diacronia. Isso, como já foi comentado anteriormente, pode ser justificado pelos gêneros textuais dos quais a amostra foi retirada, uma vez que ao escrever textos jornalísticos, é provável que tenha havido, por parte dos escritores, uma tendência a privilegiar formas consagradas pela gramática normativa como é o caso do *haver* na expressão de existência. Afinal, sabemos que, pelos dados da fala presentes em Avelar (2006), atualmente, o verbo *ter* é usado para a expressão prototípica de existência da gramática nuclear.

Tabela 2 – Expressão de existência com haver e ter (em construções existenciais e de tópico-sujeito).

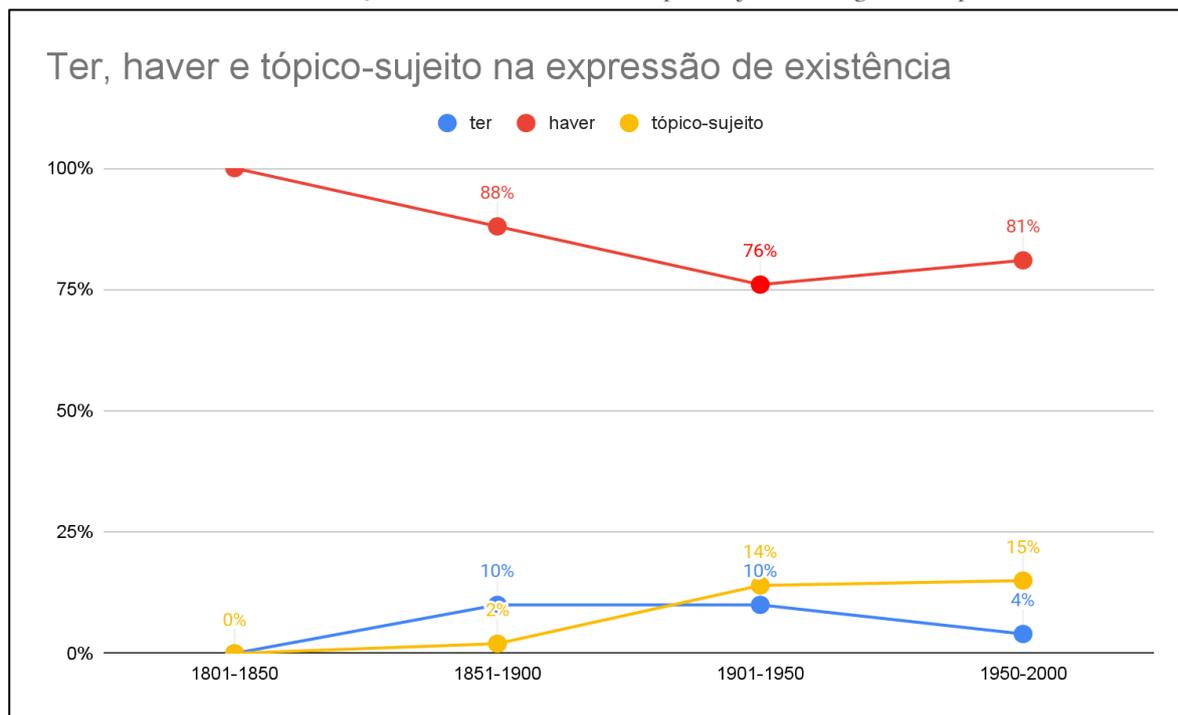
	1801-1850		1851-1900		1901-1950		1951-2000		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
<b>Haver</b>	28	100%	89	88%	37	75%	43	81%	
<b>Ter</b>	0	0%	10	9%	5	10%	2	4%	
<b>Tópico-sujeito</b>	0	0%	2	3%	7	14%	8	15%	
<b>Total</b>	28		101		49		53		231

Fonte: Elaboração própria.

Como mencionado anteriormente, as pesquisas de Tarallo (1993), Duarte (1995) e Avelar e Callou (2007) apontam para a mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo como principal fator para a possibilidade da interpretação existencial do verbo *ter*. Ao pensar na preferência pelo preenchimento do sujeito no PB, podemos encontrar também um caminho para explicar o tópico-sujeito na expressão de existência. A duplicidade de interpretação de *ter* como posse/existência quando o DP e o argumento apresentam relação de parte-todo pode ser resultado de uma leitura do DP como um locativo alçado para a posição de sujeito. Como o sujeito preenchido também permite a leitura de posse, teríamos, então, em alguns casos, uma construção ambígua (cf. ROBERTS; ROSSOU, 2003) que poderia ter sido a detonadora, lá, no século XIX, da emergência da construção de tópico-sujeito.

No gráfico 2, é interessante notar que o verbo *ter*, em construções de tópico-sujeito e, portanto, com essa interpretação dúbia de posse/existência mencionada, supera a construção existencial impessoal com *ter*.

Gráfico 2 – Distribuição dos usos de ter, haver e tópico-sujeito ao longo do tempo em PB.



Fonte: Elaboração própria.

Uma possível causa para essa alteração nos aponta novamente para o Parâmetro do Sujeito Nulo, ou seja, com a preferência pelo preenchimento do sujeito e duas possibilidades de expressão com o *ter*, é viável que o falante produza preferencialmente a construção com sujeito preenchido. Assim, parece haver predominância de construções como (16) no lugar de (17).

- (16) Os quartos têm uma grande varanda própria, descortinando linda vis[*t*]a.  
(*Anúncios em Jornais Cariocas: 1ª metade do século XX, 1910, século XX, p. 6, PHPB*)

- (17) Têm uma grande varanda própria, descortinando linda vista.

Embora os resultados apresentados já sejam por si relevantes, haja vista que situam novamente as primeiras construções de tópico-sujeito na segunda metade do século XIX, como já observara Melo (2015), algumas perguntas são importantes de serem feitas: (i) quais elementos podem ser fronteados a este verbo?; (ii) há diferença ao longo do tempo nos itens que são fronteados?; (iii) há construções com sujeito posposto?. Estas questões mostram-se relevantes, pois o século XIX é um período intrigante para os trabalhos que tratam sobre a ordem no PB.

Cavalcante (2014), em um trabalho sobre a posição do sujeito em sentenças produzidas por brasileiros, nascidos entre os séculos XIX e XX, mostra que há um quadro de competição de

gramáticas, evidenciado, segundo a autora, pelo enrijecimento cada vez maior da ordem SVO no PB. Este enrijecimento, como outrora apontamos, é decorrente da mudança no sistema pronominal – a saber a entrada de *você* e *a gente* – no quadro de pronomes pessoais desta gramática, acarretando um sincretismo de formas verbais que expressam a primeira, a segunda e a terceira pessoa, como pode ser visto nas gramáticas 2 e 3, exemplificadas no quadro abaixo.

Quadro 3 – Diferença entre sistemas pronominais e entre as formas verbais as gramáticas em competição.

	<b>Gramática 1</b>	<b>Gramática 2</b>	<b>Gramática 3</b>
<b>Eu</b>	Amo	Amo	Amo
<b>Tu</b>	Amas	Ama	Ama
<b>Você</b>	-----	Ama	Ama
<b>Ele</b>	Ama	Ama	Ama
<b>Nós</b>	Amamos	Amamos	Ama
<b>A gente</b>	-----	Ama	Ama
<b>Vós</b>	Amais	-----	-----
<b>Vocês</b>	-----	Amam	Ama
<b>Eles</b>	Amam	Amam	Ama

Fonte: Adaptado de Cavalcante (2014).

A gramática internalizada no Brasil do século XIX é aquela chamada, no quadro acima, de gramática 1, em que para cada pessoa gramatical, há uma flexão verbal distinta e ainda não são pronomes pessoais as formas *você* e *a gente*. Nessa gramática VS é uma ordem muito mais frequente do que aquela observada em textos produzidos por brasileiros que internalizaram as gramáticas 2 e 3. Conforme nos mostram Berlinck (1989) e Machado (2020), VS, em textos produzidos a partir da segunda metade do século XX, é restrito a contextos gramaticais: verbos inacusativos.

No que concerne a dados com sujeito posposto, a amostra observada neste trabalho apresenta três dados cujas análises precisam ser elaboradas qualitativamente. Estamos nos referindo às sentenças expressas em (18a-c). Elas foram produzidas pelo mesmo autor e publicadas em 1992, em uma única carta cuja temática era a política no Brasil. A ordem VS nestes três dados ocorre não por requisitos sintáticos, mas por condicionamentos estruturais, pois nos dois períodos sintáticos os constituintes que

exercem a função de sujeito são pesados, isto é, composto por um número grande de itens gramaticais e lexicais. Dados como os expressos em (18) não são prototípicos da segunda metade do século XX e revelam um considerável grau de erudição do escritor.

- (18) a. Na visão distorcida da maioria de nossos homens públicos, têm muito pouco valor o idealismo, a honestidade, a boa fé com que muitos dos leitores buscam as urnas na esperança de, enfim, terem feito a escolha acertada.

(*Cartas de Leitores em Jornais Cariocas*, 1992, século XX, p. 7, PHPB)

- b. Uma vez mais a nossa classe política, ao leitor as esperanças de milhões de brasileiros mostra que são ilimitadas a sua ganância e o seu cinismo e que, para ela, não tem o menor valor tudo o que depositamos nas urnas.

(*Cartas de Leitores em Jornais Cariocas*, 1992, século XX, p. 7, PHPB)

- c. Ele insistiu, provocador, que tinha valor apenas carteira de trabalho ou contracheque – que passa, para as autoridades da PM, à categoria de documento de identidade.

(*Carta de Leitores - Rio de Janeiro*, 1982, século XX, p. 32, PHPB)

Por outro lado, o dado de VS expresso em (19), produzido na primeira metade do século XX, não apresenta um DP pesado na função de sujeito. Acrescente-se o fato de que este DP expressa uma informação já dada no discurso, condicionamento que, segundo Berlinck (1989), foi um dos primeiros favorecedores a ordem SV, quando houve a emergência do PB. A sentença expressa em (18) é, portanto, prototípica de uma gramática do século XIX em que VS era produtivo e em que as construções com *ter* apresentavam a posição de sujeito [Spec-TP] não preenchida por um DP referencial.

- (19) Tem fundamento estas ponderações.

(*Editoriais - Rio de Janeiro*, 1908, século XX, p. 4, PHPB)

Ainda observando dados do período próximo àquele que Tarallo (1993) indica ser o início da gramática do PB, a sentença em (20) apresenta a posição de [Spec-TP] vazia, com um DP pesado posposto, além de um locativo que está implícito no discurso. Conforme salientam Avelar e Callou (2011), dados como os expressos em (20) podem ter sido os detonadores da leitura existencial nas construções com *ter*, pois propiciavam a leitura ambígua entre posse e existência que mencionamos em (15) e que se concretiza pela possibilidade de interpretação da posição de sujeito preenchida por um *pro*, típica de uma leitura de posse, ou com um sujeito expletivo nulo, típica de uma leitura existencial.

- (20) Ao superior vinho Figueira muito aplaudido por todos, por não ter a menor confeição, queijos do paquete, ditos de prato, ditos de Minas, chouriças e linguças muito frescas, optimas azeitonas em latas e a retalho, apreciaveis castanhas portuguezas e outros muitos generos como vinho de cajú, bananas seccas, mate novo etc. etc.: **tambem tem os acreditados charutos da fabrica de Dona Emilia Augusta de Menezes.**

(*Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX – cartas de leitor 64, 1869, século XIX, p.28, PHPB, p. 37, PHPB*)

Independente da leitura – posse ou existência – ao sintagma com o papel temático de locativo, na gramática do século XIX e início do século XX, cabia a função de um adjunto que como tal, dada a sua prototípica mobilidade, poderia ser fronteado. Estruturalmente, poderia ser um PP, como pode ser observado no exemplo em (21) ou ainda um advérbio.

- (21) Qual não foi o meu espanto quando vejo o meu empregado voltar de novo com o dinheiro e trazendo me o recado do senhor Pedreira, de que não <<deitava estampilha que não queria, pois no livro já **tinha recibos de quantias maiores** e que não tinham estampilha, por isso não deitava que não queria.

(*Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX – cartas de leitor 54, 1896, século XIX, p. 28, PHPB*)

Avelar e Cyrino (2008, p. 70) especulam que “o verbo possessivo começou a ser usado como existencial a partir do momento em que passou a licenciar o locativo preposicionado em posição de sujeito”. Assim, construções como (21) seriam para os autores o gatilho da emergência do *ter* existencial, pois diferentemente do que estamos propondo, o PP estaria em [Spec-TP] e seria ele o sujeito da oração<sup>9</sup>. Todavia, a amostra aqui estudada apresenta dados como os expressos em (22-23) que nos fazem defender a hipótese de que a emergência do *ter* existencial está em construções em que um DP topicalizado possa ter uma leitura ambígua entre posse e existência, dadas as suas propriedades semânticas.

Em (22), há uma construção de tópico do tipo anacoluto (cf. BERLINK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009), ou seja, o elemento topicalizado não integra a grade argumental do predicador,

<sup>9</sup> Cyrino e Avelar (2008) explicam que a opcionalidade da concordância sujeito-verbo permite que constituintes nucleados por categorias sem traços- $\phi$ , como é o caso do locativo, podem ser licenciadas na posição de sujeito. Dessa forma, justifica-se a entrada de um constituinte não-argumental na posição de sujeito, possibilitando que o preenchimento do sujeito, uma vez que *pro* nulo referencial teria deixado de ser licenciado no PB devido ao paradigma flexional fraco.

sendo, todavia, o tema específico sobre o qual o enunciado discorre. A posição de sujeito do verbo *ter* não é ocupada por “*chapéus de Chili*” e, portanto, há um sujeito nulo cujo referente é o DP “*Alexandre Dantas e Companhia*” que só pode ser interpretado como um item com o papel temático de [+possuidor], já que a loja é também referenciada no texto. Assim, a única leitura possível para (22) é de posse.

- (22) Alexandre Dantas e Companhia. em sua loja á rua Formosa número 43, vendem além de muitos outros artigos o seguinte: chapéus de Chili, **tem um variado sortimento para os preços**.

(*E os preços eram commodos*, 1871, século XIX, p. 4, PHPB)

Por outro lado, em (23), há um DP topicalizado, no que poderia ser o título do anúncio, cujo papel temático é de locativo, sendo retomado no corpo do texto. Defendemos que, neste caso, a posição de sujeito da oração com verbo *ter* pode ser um *pro* referencial ou uma proforma adverbial, como *lá*, nula, conforme pode ser visto na paráfrase em (23b-c).

- (23) a. CASA – LEME || Aluga-se mobiliada, para família de tratamento, **tem garage, aluguel modico**; trata-se N. 3955.

(*Anúncios em Jornais Cariocas*, 1930, século XX, p. 16, PHPB )

- b. CASA – LEME || Aluga-se mobiliada, para família de tratamento, *pro* **tem garage, aluguel modico**; trata-se N. 3955.

- c. CASA – LEME || Aluga-se mobiliada, para família de tratamento, *pro adverbial* **tem garage, aluguel modico**; trata-se N. 3955.

As duas possibilidades de leituras de (23) decorrem, provavelmente, da gramaticalização de DPs que expressam locatividade. Segundo Roberts e Rossou (2003), também por meio de Teorias Formalistas, é possível captá-la, pois as mudanças nas propriedades sintáticas são um paralelo ao princípio da decategorização, enquanto os princípios de dessemantização e erosão seriam, sintaticamente, observados nas alterações dos núcleos funcionais.

No que parece concernir ao processo de emergência da expressão da existência por meio do verbo *ter*, sintagmas com a semântica de locativo do tipo NP ou DP podem ocupar posições sintáticas distintas daquelas, porventura, preenchidas por PPs. Na hipótese da gramaticalização, adjuntos cujas estruturas fossem DPs ou NPs apresentariam diferenças semânticas que permitiriam ora expressarem um item [+possuidor] ora um item [+locativo]. Cabe aqui lembrar que na relação de localidade, há

intrínseca uma noção de parte-todo que é um dos tipos canônicos de expressão da posse: a relação de continência-conteúdo.

Corroborando esta análise o fato de que a construção de posse com *ter* já, no século XIX, era expressa também com sujeito preenchido. Assim, o caminho esperado para a construção de *ter* existencial que emerge em uma gramática com alta frequência de sujeito preenchido é que surgissem construções cuja posição de [Spec-TP] estivesse ocupada. No caminho por que percorre o PB, este cenário se concretiza com construções como (24) em que item [+referenciais], com o papel temático de locativo, preenchem este núcleo sintático.

(24) a. O edifício tem restaurante e garagem.

(*Anúncios em Jornais Cariocas*, 1910, século XX, p. 6, PHPB)

b. Os quartos têm uma grande varanda própria, descortinando linda vis[t]a.

(*Anúncios em Jornais Cariocas*, 1910, século XX, p. 6, PHPB)

c. A escola tem apenas duas salas de aula, atendendo a quatro turmas, duas de Classe de Alfabetização e duas de primeira série.

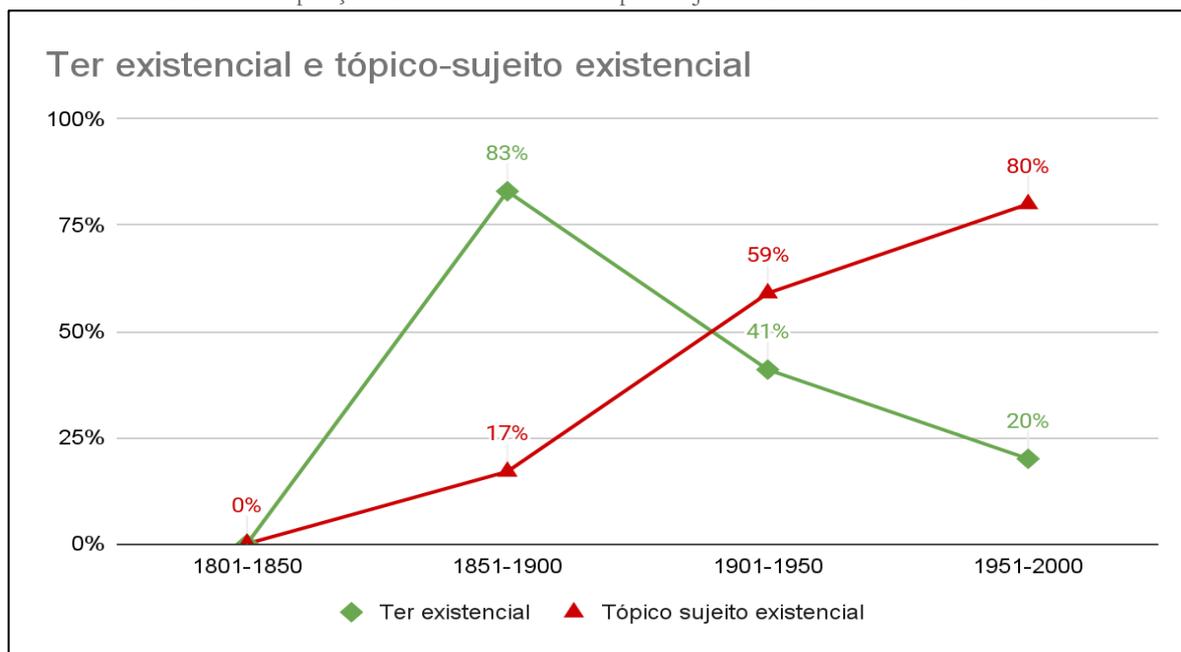
(*Cartas de Leitores – Rio de Janeiro*, 1999, século XX, p. 52, PHPB)

d. Comunicamos que o BAZAR tem grande stock de mobílias para todo preço, a dinheiro ou a pagamentos de toda conveniência – assim como artigos para presentes e saldos de fazendas e ferragens, barato.

(*A edição fac-similada dos anúncios do jornal Folha do Norte (1909-1936)*:  
Anúncio 85,1935, século XX, p. 65, PHPB)

Por fim, é preciso apresentar os resultados que consideram apenas a oposição *ter* existencial x tópico-sujeito existencial, considerando que esta última construção é aquela que apresenta a posição de sujeito preenchida como demonstram os exemplos em (24). Observemos no gráfico 3 que há uma inversão na frequência de uso nas construções com *Ter* existencial, que tende ao favorecimento daquelas em que há o preenchimento da posição de sujeito, isto é, do Tópico-sujeito. Em linhas gerais, esta construção que não é observada na primeira metade do século XIX passa a ser mais frequente na primeira metade do século XX e já alcança 80% de frequência nos dados da segunda metade deste mesmo século. Tal comportamento sintático é o mesmo observado em outros tipos de sentença em que tem sido verificada a tendência a preencher a posição do sujeito.

Gráfico 3 – Oposição entre ter existencial e tópicosujeito existencial na diacronia do PB.



Fonte: Elaboração própria.

Ainda que os dados desta amostra sejam numericamente pequenos e que seja fundamental aumentá-la, a análise dos dados indicia que há uma tendência à preferência da expressão das construções de existência com a posição do sujeito preenchida. Os resultados aqui apresentados se coadunam aos de Duarte (1995) e Tarallo (1993), assim como a tantos outros trabalhos que têm evidenciado a tendência do português a ocupar a posição de sujeito dos seus verbos.

## Considerações finais

A motivação para este trabalho surge do interesse em investigar duas construções que mostram a clara diferenciação entre o PB e o PE: as construções de tópicosujeito e o *ter* existencial. Buscamos entender se os falantes de PB estariam tentando efetivar o preenchimento do sujeito mesmo em construções existenciais canonicamente impessoais. Ao não licenciar o *pro referencial* devida a mudança do paradigma verbal, sentenças possessivas de terceira pessoa com *ter* e sujeito nulo passaram a ser lidas como existenciais. Por outro lado, o verbo *ter*, ao manter sua construção possessiva, permite sentenças com argumento externo e interno. A partir desse momento – ou seja, a partir da possibilidade de usar o verbo *ter* em construções possessivas e existenciais – o falante de PB poderia se aproveitar dessa possibilidade para efetivar o preenchimento do sujeito em algumas sentenças existenciais.

Assim, defendemos que a emergência do *ter* existencial no PB levou a possibilidade de uma interpretação ambígua de sentenças em que há sujeito com traço [+locativo] e relação de parte-todo

com o argumento interno – interpretação esta que não seria possível antes da segunda metade do século XIX. Assim, enquanto na superfície fonética teríamos uma construção já conhecida que expressa posse, surgem casos em que essa expressão se torna ambígua, podendo exprimir também valor de existência. Isso estaria ocorrendo pela tendência do PB de preencher a posição do sujeito, de modo que a construção de posse canônica com *ter* apresenta também a leitura de existência nos casos mencionados. Entende-se que o DP [+locativo] nasce em posição não-argumental e é alçado para [Spec-TP], possibilitando a referida ambiguidade entre posse/existência. Se essa análise estiver correta, este é mais um fenômeno que aponta para a mudança do Parâmetro do Sujeito Nulo no século XIX no PB. Ressaltamos, por fim, que novas análises serão realizadas para melhor descrever e delinear a proposta que ora defendemos.

## Referências bibliográficas

- AMORIM, Lauro Maia; DI SANTI, Bianca Trindade. Norma padrão, norma culta e hibridismo linguístico em traduções de artigos no New York Times. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 39, n° 3, p. 111-131, set-dez, 2019.
- AVELAR, Juanito Ornelas de. Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n° 2, p. 99-143, 2006.
- AVELAR, Juanito O. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 16, n° 24, p. 232-252, 2009.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sobre a Emergência do Verbo Possessivo em Contextos Existenciais no Português Brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba *et al.* (Orgs.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Pontes, 2007, p. 375-402.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). **Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2011, p. 287-299.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Preservação e Mudança na História do Português: de Possessivo a Existencial. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 19, n° 30, p. 224-235, 2012.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 3, p. 55-75, 2018.
- BARBOSA, Afranio G. *et al.* (Ed.). **Para uma História do Português do Brasil - UFRJ**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>. Acesso em: 21 de jun de 2021.
- BERLINCK, Rosane. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989, p. 95-112.
- BERLINCK, Rosane; DUARTE, Maria Eugênia L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (Orgs.). **Gramática do Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009. p. 97-188.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, v. 5, n° 9, p. 85-100, 2000.

- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Preservação e mudança na história do Português: de 'possessivo' a 'existencial'. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 19, n° 30, 2012.
- CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. Posição do sujeito e posição social: um caso de competição de gramáticas em cartas dos séculos XIX e XX. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n° 1, p. 147-170, 2014.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: The framework (MITOPL 15). **Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**, p. 89-155, 2000.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao sujeito pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I; KATO, M. A. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituição de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. São Paulo: 7 Letras, 2003. p. 123-131.
- FARACO, Carlos. Alberto.; ZILLES, Ana. Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo:Contexto,2017. 224 p.
- FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. Escolarização e Analfabetismo no Brasil: Estudo das Mensagens dos Presidentes dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). In: **XII Encontro de pesquisa em Educação do Centro-Oeste**. Goiânia: UFG, 2014. p. 1-12.
- GALVES, Charlotte. A Gramática do Português Brasileiro. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v.1, n° 1, p. 79-98, 1998.
- GUEDES, Marymárcia; BERLINK, Rosane de Andrade (Orgs). **E os preços eram commodos: anúncios de jornais brasileiros século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>. Acesso em: 21 de jun de 2021.
- HEINE, Bernd. **Possession: cognitives sources, forces and gramaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GUÉRON, Jacqueline. Inalienable possession, PRO-inclusion and lexical chains. In: GUÉRON, J; OBENAUER, H. G. ; POLLOCK, J.Y. (Eds.). **Grammatical representation**. Dordrecht: Foris, 1985. p. 43-86.

- KATO, Mary A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. MARQUES, M. *et al.*(Orgs.). **Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino**, v. 30, p. 131-145, 2005.
- KROCH, Anthony S. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language variation and change**, v. 1, n° 3, p. 199-244, 1989.
- KROCH, Anthony. Syntactic Change. In. BALTIN, M.; COLLINS, C. (Eds.). **The handbook of contemporary syntactic theory**. Massachusetts: BlackWell, 2001. p. 699-729.
- KROCH, Anthony. **Mudança sintática**. Tradução de Silvia Cavalcante, 2003. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~kroch/papers/mudanca-sintatica.pdf>. Acesso em: 21 de jun de 2021.
- MACHADO, Anna Lyssa do Nascimento Donato. **A diacronia da ordem VS no PB: estatuto informacional e outros fatores condicionadores**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- MARCUSCHI, Luíz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas e instrumentos lingüísticos**, v. 3, p. 21-46, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARINS, Juliana Esposito. **As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português quinhentista: estudos lingüísticos**. Salvador: EDUFBA, 2002.
- MELO, Elaine Alves Santos. **Construções de tópico sujeito: um caso de mudança na expressão da posse externa do PB**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MELO, Elaine Alves Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. “O celular acabou a bateria”: uma análise descritiva e formal para o tópico sujeito. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 64, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11583>. Acesso em: 21 jun 2021.
- PAYNE, Doris. L.; BARSHI, Immanuel. What, Where, How and Why. In: PAYNE, D. L.; BARSHI, I. (Orgs.). **External Possession**, v.1, 1999.
- PONTES, Eunice. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987

- ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Ana. **Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003
- SANKOF, David; SMITH, Eric; TAGLIAMONTE, Sali. **GoldVarb: A multivariate analysis application for Windows**. University of York: Department of Language and Linguistic Science and Computer Services, 2001.
- TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Eds.). **Português Brasileiro, uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 35-68.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. Colocação pronominal. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Ensino de gramática, descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 85-102.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância verbal. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). **Ensino de gramática, descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 121-146.